

REVISTA PIBIQUINHO

+ + + + + 2020 + + + + +





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: *EU QUERO SABER POR QUE...?* - perguntas de crianças como ponto de partida para a iniciação científica

Autoras: Adriana Santos da Mata e Ana Cristina Corrêa Fernandes

Departamento: Colégio Universitário Geraldo Reis

INTRODUÇÃO:

Contribuir com o processo de iniciação científica de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, vivenciando diferentes etapas e ações investigativas, foi um dos objetivos principais do projeto. Considerando as crianças como sujeitos que constroem e produzem cultura e conhecimentos, ancoramos numa perspectiva de educação dialógica, com base na *pedagogia da pergunta* (FREIRE e FAUNDEZ, 1998) e na *aula como acontecimento* (GERALDI, 2010). Desse modo, perguntas geradas pelas curiosidades infantis mobilizaram processos investigativos ao longo do Programa de Pré-Iniciação Científica Júnior – o *Pibiquinho* 2020.

Na implementação da proposta, enfrentaram-se dois grandes desafios. O primeiro, a realização de pesquisa com crianças entre 6 e 8 anos, iniciando e ou consolidando suas possibilidades de leitura e escrita convencional e o processo de orientá-las a pensar sobre modos de conhecer o mundo, de estabelecer diferentes relações que levassem à sistematização e ampliação de saberes, e a refletir criticamente sobre as condições da produção do conhecimento científico. E o segundo, a efetivação de todo o percurso

investigativo de modo remoto devido ao momento de pandemia.

A metodologia partiu de perguntas das crianças sobre curiosidades cotidianas e que expressavam potência para investigações ligadas à vida. As famílias participaram da coorientação das crianças na busca por respostas em inúmeras fontes de pesquisa.

Nas reuniões de orientação, crianças-pesquisadoras e professoras-mediadoras-pesquisadoras partilhavam descobertas, dialogavam, confrontavam com que já sabiam, provocando novas perguntas e novos interesses. As crianças receberam roteiros semanais que funcionavam como guias no processo de pesquisar. E assim, como numa espiral, crianças e professoras foram ampliando modos de ver, conhecer, investigar e agir no mundo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

As perguntas de partida que nortearam o projeto, desenvolvido dos meses de julho a dezembro de 2020, foram: “*Qual é a idade, o tamanho e a extensão da Constelação de Órion?*”; “*Como os velociraptors caçavam quando os dinossauros existiam?*”; “*Por que as serpentes sufocam as presas?*”; “*Como a gente*

bota dinheiro na máquina e ela dá o biscoito?”

Temas tão diversos motivaram as crianças na construção de memórias de conhecer, de pensar sobre o conhecimento científico, de buscar informações, de compreender as relações cotidianas entre os sujeitos, a produção de conhecimento e sua provisoriabilidade.

Os interesses das crianças, seus conhecimentos prévios e hipóteses iniciais levaram a problematizações, questionamentos, estranhamentos, (re) formulações, ampliação do saber e novos posicionamentos frente às interações com o mundo e tudo o que o mundo provoca.

Os roteiros de investigação, enviados semanalmente às crianças, apresentavam sínteses das descobertas dos encontros anteriores e convidavam à experimentação de diferentes etapas do processo de pesquisar. Assim foram propostas e desenvolvidas as seguintes ações: listagem de conhecimentos prévios e dúvidas sobre os temas; consulta a diferentes fontes; visionamento de filmes, documentários, *lives*; entrevista com professores de Física, Geografia e História; observação empírica do céu; construção de ficha de informações; visita virtual a museus; realização de experimento; leitura de biografia de cientistas; construção de textos coletivos para sistematização das descobertas; relatório individual com descobertas e conclusões; elaboração de glossário ilustrado; entrevista a um autodidata; organização dos materiais de pesquisa em pasta-catálogo.



EU QUERO SABER POR QUE..?
Perguntas de crianças como ponto de partida para a iniciação científica
ROTEIRO DE INVESTIGAÇÃO – 5 de outubro de 2020.

Olá, pesquisadores!

Quando um cientista faz uma pesquisa, ele precisa estudar muito e repetir várias vezes uma experiência até descobrir o que deseja. Há pesquisas que levam muitos, muitos anos, porque os cientistas fazem tentativas e muitas vezes não dão certo... Os cientistas erram muito, e errar faz parte do processo de investigação. Eles esperam ou quem sabe a uma resposta surpreendente que eles não tinham imaginado. Assim como os cientistas, a gente pode errar, aprender com os nossos erros e começar de novo fazendo de outro jeito. Isso é muito bom!

Começamos a pensar na nossa apresentação da Agenda Acadêmica. O vídeo que enviamos à Casa da Descoberta mostra um pouco do nosso processo investigativo. Agora precisamos explicar com mais detalhes algumas descobertas que fizemos até aqui. Vocês escolheram o que desejam contar sobre o espaço e sobre os dinossauros. Vamos ver o que cada um vai apresentar.

| PESQUISADOR | ESPAÇO | DINOSAURÓS |
|-------------|---------------------------|-------------------------------|
| ARTHUR | Observação das estrelas | Cartela do Perfil |
| BERNARDO | Biografia de Isaac Newton | Ficha de informação |
| CELINA | Email ao planetário | Aratasaurus |
| PEDRO | Nebulosas | Glossário Ilustrado - Tubarão |

A apresentação será de, no máximo, 10 minutos para o nosso grupo. Nossa proposta é que vocês gravem um vídeo entre 30 segundos e um minuto para cada tema. Assim serão dois vídeos por criança.

Também pedimos que nos enviem fotos dos materiais de vocês: da pasta catlogo, das fichas de informação, das cartelas de perfil, e outras que acharem interessantes.

Lembrem-se que no primeiro vídeo – sobre o espaço – o pesquisador deve se apresentar dizendo seu nome, idade e o ano de escolaridade (1º ano ou 2º ano, ok? Ah, não precisa dar ‘tchau’ no final!

Pedimos que nos enviem os vídeos e os materiais até o dia 14 de outubro para fazermos a edição.

Outra coisa muito importante! No próximo encontro, Bernardo vai nos ensinar a brincadeira de ‘pique-esconde dos móveis’ e Celina vai trazer o caça-palavras!

Bom trabalho!
Abraço forte em vocês!
Adriana e Ana Crs



Figura 1: Roteiro de investigação

Há que se ressaltar também a importância da brincadeira, considerando as especificidades dos processos de conhecer de crianças pequenas. Assim, por meio de brincadeiras, muitas descobertas foram ganhando sentido para as crianças. Jogo de forca, *Perfil*, *Super Trunfo*, “O que é? O que é?”, Festa do Pijama com projetor de sombras de dinossauros e seus sons, Amigo Oculto de desenhos e mensagens, tornaram o percurso de investigação mais divertido e interativo, respeitando modos de ser criança na apropriação do mundo.

No contexto de pandemia, buscou-se favorecer ações de conhecer, fundadas na manutenção de vínculos e de afetos entre e com as crianças, visto que a construção do conhecimento é atravessada pela afetividade.

As crianças expressaram, em muitos momentos, a importância de encontrar os amigos, ainda que por meio da tela do computador, para, juntos, descobrir e compartilhar coisas novas, num movimento alteritário de pesquisar-brincando e brincar-pesquisando.

CONCLUSÕES:

A curiosidade é um importante ingrediente na vontade de aprender de nossas crianças. Uma curiosidade que mobiliza a busca do conhecimento e convoca à imaginação, à intuição, às emoções, à capacidade de conjecturar, de comparar na procura por explicações.

Partir de perguntas geradas dos interesses e curiosidades infantis significa uma mudança de paradigma para a educação básica que, em geral, está centrada nas respostas já encontradas na herança cultural.

As perguntas de partida impulsionaram muitos conhecimentos, pois as relações que se estabeleceram nas conversas, na consulta às diferentes fontes, na experimentação etc., levaram à sistematização e ampliação do conhecimento, ao encontro de respostas (sempre provisórias), refinando e reelaborando o pensamento, num movimento alteritário entre todos os envolvidos no projeto: crianças-pesquisadoras, famílias, professoras-mediadoras-pesquisadoras e estudantes do curso de Pedagogia.

O encantamento pelo conhecer e pelo investigar das crianças perpassa também a eficiência pedagógica nas possibilidades de construir um clima de sedução e alegria nas

experiências de aprendizagens. Desse modo aguçar os ouvidos e acolher as curiosidades das crianças apresentam-se como importantes caminhos do vivenciar o esperar Freireano pela educação na escola.

O projeto proporcionou vivências de construção do conhecimento como um processo dialógico, coletivo, que não está fragmentado ou encastelado em disciplinas, mas se apresenta como um todo complexo, holístico. Este processo é fundamental para que a aprendizagem seja construída de maneira significativa. É função da escola orientar as crianças na descoberta do mundo, nos modos diversificados de ser e de agir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

AGRADECIMENTOS:

Às crianças-pesquisadoras: Arthur Figber de Borborema, Bernardo Figueiredo Velasco, Celina Pereira Ribeiro de Mattos, Pedro Nascimento da Silva Steele e suas famílias;

Às estudantes de Pedagogia, bolsistas de iniciação à docência: Amanda Maia

Vannucci, Jenniffer Carvalho Araújo, Juliana Coutinho Morgado e Leticia Miranda Ciuffatelli.

Agradecemos a confiança, o compromisso e o envolvimento na realização do projeto.

Foi muito divertido aprendermos e descobirmos tantas coisas juntos!





A COVID-19 E A DETERMINAÇÃO SOCIAL DA SAÚDE: UM PROJETO CONSTRUÍDO NO COLETIVO

Luciana Santos Collier
Bianca dos Santos Barros
Camille Vitória de Almeida Cagide
Carolina Magalhães
Dara Souto Teixeira
Juliane Menezes da Silva
Rayan David Alcântara
Victória do Livramento

INTRODUÇÃO:

A pandemia do coronavírus (COVID-19) se difundiu globalmente com extrema rapidez ao longo do ano de 2020. Além de um maior rigor com os hábitos de higiene, a principal modificação que a pandemia trouxe para a vida cotidiana foram as medidas de distanciamento social. Embora tais medidas fossem para colaborar com o controle da disseminação do vírus, sérios danos sociais, financeiros e psicológicos foram percebidos.

Nesse contexto, a teoria da determinação social da saúde nos ajudou a pensar nestes impactos, compreendendo a saúde não como fenômeno estritamente biológico, mas como resultado do modo de 'organização social da produção capitalista', responsável por grandes desigualdades nos níveis de vida das sociedades.

Face ao contexto vivido durante o ano de 2020, o projeto "A COVID 19 e a determinação social da saúde" foi criado com o objetivo de discutir com a comunidade escolar do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/UFF), sobre os fatores sócio econômicos que impactaram na prevenção, disseminação e controle do novo coronavírus, a fim de provocar reflexões e ações sobre as iniquidades em saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Para levar a cabo o objetivo do projeto, nas primeiras reuniões priorizamos a busca por artigos e informações qualificadas, para refletir e debater sobre as relações entre a COVID-19 e as desigualdades sociais. Era fundamental que esta relação e seus desdobramentos fossem compreendidos por todos os bolsistas, para que pudessemos pensar em estratégias de comunicação e ensino para toda comunidade escolar. Portanto, cada bolsista ficou encarregado de pesquisar sobre um tema específico (educação, vacina, trabalho e desemprego, curva de contágio e mortes, etc.) e trazer a sua contribuição para nossas reuniões virtuais.

Após alguns encontros de debate, as sugestões e ideias foram organizadas e ficou decidido que, dado o momento de distanciamento social, seriam utilizadas três formas iniciais de comunicação (Figura 1) com a comunidade: um blog (criado especificamente para o projeto) e duas redes sociais (Instagram e Facebook). Nestes veículos, semanalmente, eram inseridas postagens com informações essenciais e gratuitas à comunidade.



Figura 1: Blog e redes sociais do Projeto

Para dar continuidade às ações, era imprescindível saber como a comunidade escolar, afastada do convívio presencial, por conta das medidas de distanciamento, estava vivendo e sobrevivendo durante a pandemia. Iniciamos um levantamento de dados com a comunidade escolar, através de um questionário virtual (Google Forms), que foi enviado pela secretaria da escola à toda comunidade escolar (alunos e responsáveis, professores e funcionários), com a descrição dos objetivos do projeto e o termo de consentimento e participação na pesquisa.

A análise das respostas demonstrou que a perda de emprego e renda havia sido muito acentuada e que a saúde mental e emocional estava bastante abalada (Figura 2). Sendo essas as demandas mais urgentes, os bolsistas foram mobilizados a sugerir e elaborar ações para atender estas demandas. Enquanto um grupo ficou responsável por pesquisar informações qualificadas sobre estes temas e elaborar novas postagens para serem divulgadas nas redes sociais e blog do projeto, outro grupo ficou encarregado de organizar rodas de conversa entre profissionais especializados no assunto e a comunidade escolar.

P6. Houve perda, parcial ou total, da renda familiar em virtude da pandemia?
212 respostas



Figura 2: Gráficos das demandas comunitárias.

O blog e as redes sociais do projeto foram fundamentais na comunicação com a comunidade, divulgando todas as ações do projeto. Para levar sempre informações que atendessem às demandas comunitárias, os bolsistas não somente pesquisaram sobre as temáticas, mas também entrevistaram estudantes, professores e outros membros da comunidade, sobre questões que foram aparecendo em nossas reuniões. Desta forma, o ritmo dinâmico e acelerado do contexto pandêmico, foi sendo abordado a partir de distintas nuances e olhares.

Foram realizadas três rodas de conversa (Figura 3): a primeira sobre o tema do “Trabalho e renda em tempos de pandemia”, a segunda sobre “Saúde mental e emocional em tempos de pandemia” e a terceira sobre “Ensino remoto e saúde mental em tempos de pandemia e perspectivas futuras”.



Figura 3: Encontros com a comunidade.

Paralelamente, discutimos bastante sobre o desemprego, que além de ser uma

demanda urgente, é um fator que afeta diretamente a saúde mental dos sujeitos. As famílias não podiam somente se informar e conversar sobre isso, precisávamos ajudar aqueles que estavam precisando. Decidimos criar uma rede de solidariedade virtual, baseada na divulgação de produtos e serviços oferecidos por qualquer membro da comunidade escolar em nossos canais de comunicação (blog e redes sociais). Nossa intenção era sugerir que a comunidade escolar buscasse estes produtos e serviços entre os próprios membros da comunidade.



Figura 4: Coluni Solidariedade.

CONCLUSÕES:

Nossa pesquisa possibilitou uma importante aproximação com a comunidade escolar para conhecer e compreender as suas demandas e subsidiar a elaboração e implementação de estratégias de educação e comunicação. Para os bolsistas a experiência de desenvolvimento do projeto propiciou o conhecimento sobre as iniquidades em saúde, a capacidade de reflexão crítica sobre o tema e tomada de decisão enquanto pesquisadores sociais.



ESTADO, CRISE E PANDEMIA: UM ESTUDO TEÓRICO SOBRE A CONCEPÇÃO DA ESCOLHA NEOLIBARAL NO BRASIL

Autores (alunos bolsistas):
André Felipe Marques Carvalho
Kaylane Cristina Barroso Paulino
Izabela Alves dos Santos

Orientação: Prof Dra. Isabella Pedroso
isabellavitoria@id.uff.br

INTRODUÇÃO:

O Colégio Universitário Geraldo de Achilles Reis - COLUNI UFF não é uma instituição de ensino igual as outras. Nele, além de formarmos alunos, formamos artistas, cientistas, e pessoas com senso crítico na sociedade. A relação horizontal estabelecida entre os diferentes segmentos faz com que haja uma verdadeira troca de conhecimento, convertendo tais alunos em professores também.

Esse projeto foi pensado e executado com o intuito de abranger mais conhecimento sobre o Estado, a pandemia da COVID-19 e a escola neoliberal no Brasil, relacionando-os e verificando sua importância e seu grau de interferência na sociedade brasileira. O conceito de neoliberalismo pressupõe a doutrina que defende a privatização de instituições públicas, diminuindo a interferência do Estado na economia.

Sendo assim, o projeto busca informar aos leitores não só o que é o neoliberalismo, mas também como ele atuou em todos os governos brasileiros pós redemocratização até hoje, com o objetivo de dismantelar serviços básicos como educação e saúde. A maior importância da pesquisa, além de transmitir a informação, é produzir aprendizado e estimular o senso

crítico do leitor sobre tudo o que o rodeia, como por exemplo, a intencionalidade das campanhas eleitorais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Começamos a nossa pesquisa com a formulação de referenciais teóricos, no qual analisamos o sistema econômico político e social em que estamos inseridos (o capitalismo), por meio do método materialismo histórico dialético. Iniciamos nossa jornada com leituras como Karl Marx, no livro I d' O Capital, como também nas leituras de Lenin, sobretudo os livros Estado e Revolução e o Imperialismo: Fase superior do capitalismo.

Além do estudo em si, os autores também mostram as contradições desse sistema. Com esse conhecimento iniciamos o estudo de nosso sistema de ensino, com a leitura de autores como Florestan Fernandes, Roberto Leher, Isabella Pedroso, Maria Carolina Andrade e Vânia da Motta, que foram de fundamental importância para analisarmos a influência do neoliberalismo no setor educacional brasileiro.

A seguir, partimos para uma análise da conjuntura do Estado e a concepção de um novo período na educação que chamamos de

“a escola neoliberal”. Essa pesquisa consiste basicamente em analisar como as políticas educacionais adotadas pelo Estado, nesse período de pandemia, aceleraram a concretização da agenda neoliberal para a educação formal (principalmente para a educação básica).

Além disso, destacamos que essas ações se relacionam diretamente com os interesses das empresas privadas com projetos como o Future-se (PL 3076/2020), que tem como principal objetivo a privatização das instituições de ensino superior, retirando sua autonomia, prevista na Constituição brasileira de 1988.

Sem contar com as inomináveis ações preparadas para a educação básica, como por exemplo a base nacional comum curricular (BNCC), que não leva em consideração fatores específicos de cada localidade, uma situação que gera desigualdade e desinformação, deixando de trazer debates culturais relevantes de cada local.

E isso se tornou uma realidade cada vez mais próxima depois desse período de Pandemia, pois após a experimentação desse método de Ensino à Distância (EAD) na educação básica, a tendência é que isso, infelizmente, se torne ainda mais comum. Avaliamos ser extremamente prejudicial para o processo de ensino aprendizagem e desenvolvimento. Sustentamos que todas essas medidas introduzidas possuem uma intencionalidade, qual seja, a criação de uma força de trabalho pouco crítica devido ao pouco contato dos alunos com as matérias críticas e de cunho histórico e social.

No entanto, a implementação efetiva da agenda neoliberal só não foi possível graças à luta e à resistência dos movimentos sindicais e estudantis, que pautam diariamente o direito à escola e ao ensino de qualidade, negando veementemente a BNCC, o Future-se e muitas outros ataques promovidos pelos governos neoliberais que existiram após a redemocratização e persistem até os dias atuais.

CONCLUSÕES:

Com isso, concluímos que estudar em uma escola, cujos docentes e discentes lutam pelos seus direitos, priorizando acima de tudo a educação de qualidade, não é uma regra no cenário brasileiro. Em muitas escolas, o corpo docente não é organizado sindicalmente para garantir os direitos básicos previstos na Constituição Brasileira de 1988.

Além disso, a oportunidade de participarmos de projetos científicos para educação básica é fundamental para ampliarmos nossos conhecimentos, como também compreender os verdadeiros interesses do Estado com esses projetos de privatização e com a consequente imposição da agenda neoliberal no sistema educacional público.

Avaliamos, portanto, que nenhum deles irá favorecer os seus alunos, mas, sim, os converterão em massa de manobra e força de trabalho barata. Somente a produção do conhecimento crítico, pautado na ciência, poderá nos levar a um novo estágio da dinâmica social. Cabe a nós seguir trilhando por estes novos caminhos e resistindo aos retrocessos. À luta, portanto!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Maria C.P. & MOTTA, Vânia C. Base Nacional Comum Curricular e o Novo Ensino Médio: uma análise à luz de categorias de Florestan Fernandes. **Revista HISTEDBR**. V 20, 2020.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, [1972] 1981

____. **Que tipo de república?** 2a edição. São Paulo: Globo, [1986] 2007

____. **A revolução burguesa no Brasil:** ensaio de interpretação sociológica. 5a edição. São Paulo: Globo, [1974] 200

____. **Universidade brasileira:** reforma ou revolução? São Paulo: Alfaômega, 1975.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa:** o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo, 2019.

LEHER, Roberto. Reforma do Estado: o privado contra o público. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, 2003a.

____. **Universidade e Heteronomia Cultural no Capitalismo Dependente:** um estudo a partir de Florestan Fernandes. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

____. **Autoritarismo Contra a Universidade:** o desafio de popularizar a defesa da educação pública. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

____. Diferença de versões do Future-se. **Revista Carta Maior**. 2019

LÊNIN, Vladimir I. **O Imperialismo:** fase superior do capitalismo. 4ª. ed. São Paulo: Global, 1987.

____. **O Estado e a Revolução:** o que ensina o marxismo sobre o papel do proletariado na revolução. 1ª. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. São Paulo: Nova cultural, 1988. V.I, Livro 1, Tomo I.

PEDROSO, Isabella V.C.P. A universidade como território intelectual: um estudo comparativo dos projetos de sociedade do Brasil e da Argentina. Orientador: Claudio Egler. Rio de Janeiro, 2017. **Tese (Doutorado em Geografia)**, Universidade Federal do Rio de Janeiro.





GRANDE ÁREA DE CONHECIMENTO: EDUCAÇÃO

PROJETO LUZ DOS OLHOS: RELATOS ACERCA DA PRÁTICA DE INICIAÇÃO À PESQUISA E PRODUÇÃO DE MATERIAL INCLUSIVO EM FORMATO PODCAST

AUTORES: GISELE MIRANDA, THAYANE AZEVEDO, CARLOS ALBERTO MUNIZ

DEPARTAMENTO/UNIDADE/LABORATÓRIO: COLUNIUFF

INTRODUÇÃO

O presente relato visa apresentar as experiências vividas durante o desenvolvimento do projeto de iniciação científica Junior – PIBIQUINHO, do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNIUFF) no contexto do Projeto Luz dos Olhos, desenvolvido a partir do segundo semestre do ano de 2020, em meio a pandemia de Covid-19 e de forma totalmente remota.

Bem antes da paralisação das atividades escolares, definida pelo decreto estadual Nº 46.984 de 20 de março de 2020 - de calamidade pública para conter o avanço da pandemia no território fluminense, inúmeros debates permeavam as reuniões pedagógicas com o objetivo de melhor atender os alunos e, principalmente os alunos com necessidades especiais, público alvo do atendimento educacional especializado (AEE), através da adequação de rotinas e procedimentos.

Com o início deste novo cenário, repleto de medo e incertezas, a equipe pedagógica passou a buscar e propor caminhos que pudessem definir estratégias, a fim de manter o contato e mobilizar o cognitivo de todos os estudantes.

Nesse intuito foram criados o site Quarentuni - O COLUNIUFF na Quarentena, que atendeu estudantes desde o Ensino Fundamental 1 até o segundo ano do ensino médio, com material integrado e interdisciplinar, na plataforma WIX;

e Turma 3001, com material disciplinar sistematizado, para os alunos do terceiro ano do ensino médio, na plataforma moodle.

A equipe pedagógica, decidiu dar prosseguimento ao edital de seleção PIBIQUINHO 2020, para que pudesse também ocorrer de forma remota. Esta foi a oportunidade de desenvolver o Projeto Luz dos Olhos e pôr em prática a utilização de recursos e linguagens, como os podcasts, que são familiares aos estudantes, como forma de ensinar e aprender de maneira inovadora e remota, e que seria uma potente ferramenta para o público alvo dos alunos atendidos pelo AEE.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No COLUNIUFF o atendimento educacional especializado é oferecido à alunos com diferentes necessidades especiais. Um caso em especial, o de uma estudante que para além de uma deficiência cognitiva também apresenta deficiência visual total, motivou um grupo de professores a propor o desenvolvimento deste projeto e a pesquisar juntamente com seus orientandos, materiais adaptados voltados à inclusão.

Diferentes referencias encontrados pelo grupo mostraram a possibilidade de produzir os podcasts: uma mídia sonora, parecida com um programa de rádio, previamente gravado a partir de um roteiro, e disponível para ser ouvido e armazenado por meio de *downloads*.

Com os recursos técnicos adequados, qualquer áudio pode se tornar um podcast, e seu emprego junto à estudantes cegos já comprovou seu potencial pedagógico (AMARAL, 2019). Esta mídia digital, cuja a história de desenvolvimento não trataremos aqui, assim como as plataformas de exibição de vídeo, *streaming* de filmes e músicas, são mídias que nossos estudantes já estão familiarizados e trazem para a escola, queiramos ou não, utilizemos ou não (FREIRE E SÉRGIO, 2013).

A proposta do projeto consistiu em cinco etapas: oficina de produção de podcasts (com pesquisa de assuntos), produção de roteiros, gravação, edição e compartilhamento dos materiais confeccionados. O projeto foi contemplado com quatro bolsas e além dos três coordenadores, quatro voluntários se somaram à produção dos materiais adaptados e ao estudo das questões técnicas referentes a esse tipo de mídia.

As reuniões se deram por meio da plataforma Meet do Google, com reuniões que começaram quinzenalmente e gradativamente foram passando para encontros mensais. Houve o incentivo para que os bolsistas começassem a gravar áudios por meios de seus aparelhos. O primeiro movimento envolveu a apresentação dos programas de edição e alguns áudios foram gravados pelos voluntários. Na sequência, foram delegadas tarefas de pesquisa e gravação, contudo, alguns estudantes por meio de suas escolhas de aplicativos de gravação, apresentaram suas primeiras contribuições já editadas.

Com a adoção do modelo de trilhas de aprendizagem, junto aos estudantes no site Quarentuni, os bolsistas passaram a fazer, por

meio de sorteio, a adaptação das trilhas como roteiros de gravação. Para viabilizar a divulgação no site, foi proposto pela coordenação do Quarentuni, a distribuição nos moldes do que acontece com podcasts profissionais, ou seja, por meio de *RSS* na plataforma SoundCloud, onde foi criada uma conta para o projeto, e esta, conectada com o site em uma seção específica.

De acordo com o cronograma estabelecido no edital PIBIQUINHO e também com os objetivos gerais do projeto a divulgação ocorreu, de maneira remota, na semana acadêmica da UFF. Durante todo o período de vigência do projeto, as reuniões visaram ajustes e balanços sobre os encaminhamentos gerados no coletivo. De um modo geral, a atuação dos bolsistas foi satisfatória e permitiu que os mesmos pudessem, inclusive, orientar alunos de outros projetos da mesma instituição e também professores interessados em adotar a prática em suas aulas.

CONCLUSÃO

O Projeto Luz dos Olhos permitiu desenvolver podcasts dentro do ambiente escolar remoto, de maneira satisfatória e de significativa relevância não só para o público alvo do atendimento educacional especializado como também para todos os alunos do COLUNIUFF. Todos os materiais foram desenvolvidos a partir de uma metodologia que dialogou não somente com as tecnologias de informação e comunicação (TICs), mas principalmente com os conteúdos escolares próprios da educação básica, ressignificados, não só como ferramenta - no processo produtivo dos podcasts, mas também como novo formato de apresentação dos mesmos dentro das disciplinas. A ampla divulgação dentro do site e

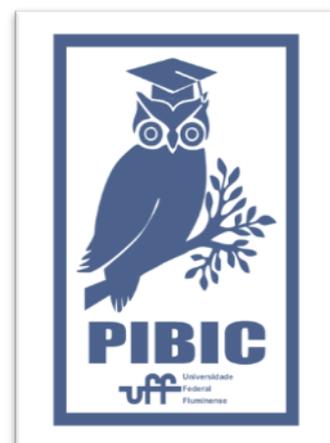
também na agenda acadêmica da UFF permitiu maior visibilidade e, portanto, a divulgação científica que também fazia parte dos objetivos gerais desse projeto. A troca de experiência, adquirida através do estudo da ferramenta possibilitou a integração de todos os integrantes do projeto com outros alunos, professores e bolsistas da UFF, como o PodPET- UFF, com contribuições em podcasts já disponíveis no Spotify.

AGRADECIMENTOS

Os integrantes desse projeto agradecem:

à comissão de pesquisa do COLUNI-UFF

à PROPPI-UFF





Projeto: Desigualdades sociais no acesso às práticas corporais e ao lazer: querer nem sempre é poder

Autores: Poliane Gaspar de Cerqueira; Agenor Mario Lima de Azeredo Coutinho; Carolina Bitencourt da Silva; João Pedro Rodrigues de Souza; Lua Clara Castilho de Barros Arruda; Manoela dos Santos da Silva; Matheus Ferreira de Souza.

1- INTRODUÇÃO

Em tempos de pandemia, as desigualdades sociais e econômicas ficaram mais aparentes em um contexto em que as dificuldades já vivenciadas por grande parte da população brasileira foram aprofundadas. Com o isolamento social, o lazer e a realização de práticas corporais foram reduzidos. As práticas corporais e o lazer são elementos da cultura humana, e foram sendo construídos e reproduzidos pelos seres humanos ao longo do tempo (COLETIVO DE AUTORES, 2009). Entretanto, o acesso a esses elementos da cultura não é igual para todos e todas, as desigualdades sociais e econômicas também são fatores que podem impossibilitar ou limitar seu acesso. Há um entendimento que acomete indivíduos e é reforçado pelo poder público de que o lazer e a cultura não são tão importantes quanto qualquer outra reivindicação (MELO; PEREZ, 2006).

A compreensão de que o acesso às práticas corporais e ao lazer são direitos sociais está expressa de forma direta e indireta na Constituição (BRASIL, 1988). O lazer está ao lado de direitos fundamentais, conforme o Art. 6º “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (Constituição Federal, 1988, artigo 6, §3º) na forma desta

Constituição. Contudo, a dimensão do lazer ainda é compreendida como privilégio de poucos e um direito ainda marginal para grande parte da população. Já o acesso às práticas corporais está restrito à prática esportiva na letra da lei: segundo o Art. 217 “É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um observado que (...) o poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social” (Constituição Federal, 1988, artigo 217, §3º) (CARVALHO; SANTOS, 2017). É importante superar a concepção que restringe as práticas corporais ao campo esportivo, visto que são muito amplas e diversas.

Faz-se necessário discutir a relevância da promoção de vivências sócio culturais que tematizem as práticas corporais e esportivas enquanto patrimônio da cultura humana que eleja as possibilidades de superação do modelo hegemônico do esporte de alto rendimento e espetáculo e do lazer voltados para o consumo (CARVALHO; SANTOS, 2017).

A discussão sobre a adoção de novos hábitos não pode minimizar o papel do contexto social e econômico dos indivíduos (MADEIRA Et al, 2018). Dessa forma, é fundamental a discussão crítica sobre os fatores intervenientes para a adoção de um estilo de vida mais ativo e para o usufruto do lazer.

Para Camargo, lazer é um conjunto de atividades gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias, centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e

associativos realizados num tempo livre roubado ou conquistado historicamente sobre a jornada de trabalho profissional e doméstico (1986, p.97).

Nas grandes cidades, o lazer muitas vezes é efetivado nos espaços públicos.

Faz-se necessário pensar na construção do espaço público sem gênero nem ordem patriarcal; portanto, um espaço sem hierarquias, horizontal, um espaço que evidencie as diferenças, e não as desigualdades, um espaço de todos e de todas em igualdade de valoração de olhares, saberes e experiências (MONTANER e MUXÍ, p.198, 2014).

Segundo Rechia (2003, p. 132), “espaço e lugar são componentes básicos do mundo vivo”. Assim, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor “.

O projeto discute as desigualdades sociais no acesso às práticas corporais e ao lazer, em vista que, seu acesso não é igual para todos e todas e na pandemia o lazer das pessoas foi reduzido, grande parte da população ficou sem praticar atividades físicas e as desigualdades sociais e econômicas ficaram mais aparentes

O objetivo geral da pesquisa é discutir e refletir sobre as desigualdades sociais e econômicas que interferem no acesso às práticas corporais e ao lazer das pessoas. Como objetivos específicos, apresentamos os seguintes pontos: promover o debate em relação à utilização dos espaços públicos de lazer em uma atitude condizente com os princípios de uma cidadania crítica e pensar a questão no contexto durante e pós pandemia.

2- METODOLOGIA:

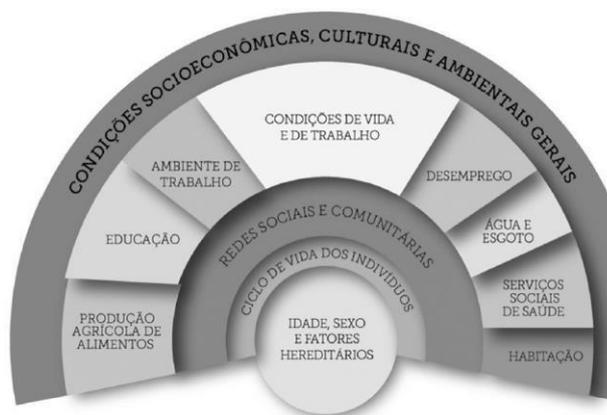
A pesquisa é um estudo de natureza qualitativa. De acordo com Godoy (1995) a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, pois permite que pesquisadores exercitem a sua imaginação e criatividade, de modo a contribuir para a exploração de novas possibilidades. Destarte, o presente estudo utiliza dados numéricos na inquirição de dados, contudo a abordagem e análise são realizadas por um viés qualitativo. Coletamos dados junto à comunidade escolar através de um formulário online que foi encaminhado por e-mail pela instituição, a pedido do projeto. O formulário continha um termo de consentimento livre e esclarecido que informava sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa. A pesquisa, assim como seus resultados, fez parte do Programa de bolsas de pré-iniciação científica da UFF e contou com três bolsistas e um voluntário, alunos e alunas do Colégio Universitário Geraldo Reis - COLUNI UFF.

3- DISCUSSÕES E RESULTADOS

O contexto social e econômico de alguns grupos sociais determina seu acesso a bens culturais da sociedade como as práticas corporais e o lazer. Diversos fatores podem interferir no acesso a esses bens culturais como mostra o quadro 1 (Buss e Pellegrini Filho, 2007). Condições como a distância e/ou inexistência de espaços públicos de lazer; sobretudo em regiões periféricas onde os espaços públicos de lazer são escassos, carentes de manutenção e equipamentos adequados, concomitante com a falta de segurança e a precária iluminação; trabalhadores que residem longe dos grandes

centros urbanos e necessitam de um longo tempo de deslocamento no trajeto trabalho-casa, são fatalmente indivíduos que possuem pouco tempo disponível para a realização de práticas corporais e usufruto do lazer; a falta de condições econômicas e sociais, a condição de gênero, em uma sociedade que acaba por impor o trabalho doméstico às mulheres, deixando escasso seu tempo e condições materiais. É fundamental que o poder público promova políticas públicas que privilegiem a toda população com espaços de lazer, atividades orientadas e promoção do acesso às práticas corporais, assim como melhorias e desenvolvimento das condições gerais de vida.

Quadro 1: Condições socioeconômicas, culturais e ambientais gerais



Fonte: Buss e Pellegrini Filho, 2007

O formulário teve como objetivo investigar e aferir o acesso da comunidade escolar ao lazer e às práticas corporais no contexto antes e durante a pandemia. No presente artigo iremos destacar alguns resultados mais relevantes. Dentre os entrevistados, tivemos maior incidência de pessoas na faixa etária entre 30 e 50 anos, cerca de 58% do público perguntado.

Os sujeitos entrevistados residem nos mais diferentes bairros de Niterói e em São Gonçalo, município vizinho. Importante frisar que o Coluni possui muitos alunos moradores de São Gonçalo em sua comunidade escolar. Os bairros citados em nosso formulário da cidade de Niterói são: Fonseca, Barreto, Tenente Jardim, Santa Rosa, Icaraí, Cubango, Ingá, São Domingos, Centro, Piratininga, Viçoso Jardim e Engenhoca. Da cidade de São Gonçalo recebemos respostas dos seguintes bairros: Porto Velho, Colubandê, Itaipu, Alcântara, Sete Pontes e Pita. Perguntamos aos entrevistados se tiveram contato com atividades físicas e práticas corporais na escola: 22 pessoas responderam que não tiveram e os demais responderam que sim. O contato com as práticas corporais na escola introduz o sujeito na esfera da cultura corporal e integra o indivíduo que vai ser produtor e reproduzidor das práticas corporais ao longo da sua vida.

Sobre o lazer e a prática de atividades físicas durante a pandemia, foram computadas 88 respostas, que tiveram em sua maioria, pessoas que disseram não fazer atividades ao longo da quarentena. No total, 21 responderam que nada fazem, assim mostrando que eles apresentam dificuldades em ter acesso a essas práticas ou até mesmo o desconhecimento do que significa "lazer". Enquanto isso, 13 pessoas falaram que está sendo mínimo. Houveram respostas positivas quanto a ter atividades físicas e de lazer, - 11 pessoas. Cerca de 6 entrevistados disseram que caminham em espaços públicos. Enfatizamos que o conceito de lazer utilizado por esse projeto é amplo e diversificado, entendendo como atividades prazerosas que podem ser

realizadas no tempo livre, como uma leitura, escutar uma música, dançar etc.

Ao perguntarmos se atividades físicas/práticas corporais e lazer são importantes, obteve cem por cento de respostas concordando com a existência de benefícios físicos e sociais quanto a essas práticas. Os motivos que justificariam essa escolha, na maioria dos textos, se baseiam na afirmação de que a essas atividades ajudam a melhorar a saúde, sendo de 68 repostas, 13 não se prolongaram quanto a explicação. 36 pessoas comentaram sobre uma dicotomia entre corpo/mente, mostrando o entendimento de que são dois temas distintos, enquanto apenas 4 relacionaram a fatores como qualidade de vida e/ou bem-estar. Além disso, houve uma resposta que levou em conta o lazer sendo o direito a todos e todas, por isso sendo necessário na vida cotidiana.

Os entrevistados citaram a ausência de atividades culturais nos espaços públicos (no período pré-pandêmico) e a ausência de atividades gratuitas e orientadas por um professor, sendo fatores que podem restringir a participação da comunidade.

4- CONCLUSÃO:

Esse relato de experiência teve o propósito de apresentar alguns resultados do Projeto Pibiquinho realizado em 2020, intitulado “Desigualdades sociais no acesso às práticas corporais e ao lazer: querer nem sempre é poder. Dado o período pandêmico, a pesquisa ficou restrita ao formulário online. O projeto forneceu subsídios para pensar estratégias e formas de ampliar o acesso da comunidade escolar às práticas corporais e ao lazer.

5- Referências

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: **Senado Federal**: Centro Gráfico, 1988.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **O que é Lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Ana Carla Dias; SANTOS, Luara Faria dos. O esporte e lazer como elementos formativos: reflexões sobre a realidade de Catalão- GO. **I Encontro de Políticas Públicas, Esporte e Lazer e II Jornada Rede Cedes Goiás**

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo, Cortez, 2009.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, 1995. Disponível em: <https://rae.fgv.br/rae/vol35-num3-1995>. Acesso em 12 abr. 2020.

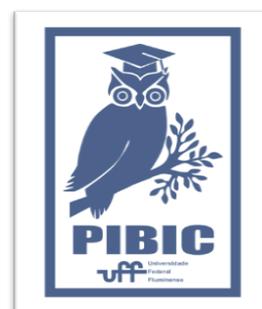
MELO, Victor Andrade de; PEREZ, Fabio de Faria. ESPAÇO, Lazer e política: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Efedportes**, Buenos Aires - Año 10 - N° 93 - Febrero de 2006.

MONTANER, Josep Maria.; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política**: ensaios para mundos alternativos. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

RECHIA, Simone. **Parques públicos de Curitiba**: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer. Campinas. Tese de Doutorado em Educação Física, Departamento de Educação Física. 199 f, Unicamp, 2003.

MADEIRA Et al. Estilos de vida, habitus e promoção da saúde: algumas aproximações. **Revista Saude Soc.** 27 (1) Jan-Mar 2018.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI, Alberto Filho. Saúde e seus determinantes sociais. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007.





Grande área do conhecimento: Educação
Memórias da Educação Infantil e Vivências no Ensino
Fundamental: Travessias do Coluni/UFF
Cláudia Vianna de Melo, Juliana Braga Teperino e Natália
Moreira Altoé
Educação Infantil do Colégio Universitário Geraldo Reis

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa de Pibiquinho (2020) apresenta resultados investigativos de cinco crianças na faixa etária de seis a dez anos de idade, sendo três bolsistas e duas voluntárias. Esta pesquisa-ção teve como objeto de estudo a singularidade da transição no Coluni-UFF sob o olhar das crianças, com o objetivo de responder à questão principal: Como realizar o Travessias no Coluni-UFF considerando as experiências das crianças na Educação Infantil e as suas vivências no Ensino Fundamental 1? Os instrumentos desta investigação foram Cadernos de Campo físico e virtual, entrevistas, desenhos dos espaços, vídeos e fotografias da EI e do EF 1. O diálogo teórico se deu com Abramowicz, Oliveira (2010), Larossa (2014) e Vigotski (2009), além de documentos que regem os direitos das crianças.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A proposta de jogos e de uma feira de artesanato para o Travessias foi trazida pelas crianças às três professoras orientadoras Cláudia Vianna, Juliana Teperino e Natália Altoé e objetivou que fosse representativa de um coletivo de crianças.

Para alcançar este objetivo principal, cada bolsista realizou duas entrevistas com seus(suas) amigos(as). Uma pesquisa exploratória trouxe à memória as experiências na EI e as vivências no EF1 através da seleção e análise de fotografias, além de desenhos tanto do acervo pessoal, quanto do acervo dos(das) entrevistados(as). Depois, foi realizada uma pesquisa documental sobre a origem da Feira de Artesanato, dos Jogos de Trilha e Caça Tesouros. Ainda, nesta etapa da investigação, os bolsistas se dedicaram aos estudos dos seguintes documentos norteadores para a educação infantil (EI): Convenção dos Direitos da criança UNICEF (1989); Constituição Federal (BRASIL, 1989); Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990); Marco Legal pela Primeira Infância (BRASIL, 2016); Plano Nacional pela Primeira Infância (BRASIL, 2020); Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2010). A análise de dados propiciou a elaboração das regras dos jogos e da Feira de Artesanato. Inspirações em processos artísticos e obras de Frida Kahlo, Vik Muniz e Hundertwasser atravessaram as reflexões das crianças e o diálogo para os resultados finais. Cada pesquisador trouxe singularidades em suas

pesquisas. A Larissa da Silva destaca o ECA como Direito fundamental das Crianças; a defesa da presença do homem como direito da criança na EI foi trazida através de sua memória afetiva; e o abraço como prêmio no Jogo Caça Tesouro, aponta possibilidades de humanização para a educação pós-pandemia; ainda, a partir de uma inspiração das obras do artista Hundertwasser, ela propõe à Direção a criação de um espaço de natureza no Coluni “onde a gente possa andar descalço”. A Rosa Vieira com inspiração em Frida Kahlo e em suas investigações traz a participação de crianças como direito em espaços de adultos, quando o atual contexto de pandemia impõe a comunicação ativa por meio de Lives: “Tem dois tipos de live que eu tô propondo. Uma sobre a transição, sobre o Coluni para preparar elas (as crianças) e outra sobre artesanato, onde elas vão poder fazer desenhos e pintura”. O Gabriel Lucas Nictheroy traz inspirações em Vik Muniz para reflexões sobre o consumo, o meio ambiente e a sustentabilidade do nosso planeta em ações no Coluni-UFF, além da reivindicação do direito da criança em pesquisas científicas, segundo ele: “Eu sou pesquisador. Eu gostei de fazer pesquisa”. O voluntário Davi Azevedo traz contribuições por meio de desenhos detalhadíssimos dos espaços do Coluni e Izadora Ferreira contribui na importância do registro para a pesquisa, quando em um dos encontros ela se debruça no ato de escrever e exclama: “Espera aí que eu estou escrevendo!” A sua contribuição marca a singularidade e a importância da inclusão na pesquisa realizada no Coluni com crianças, escola esta que já tem traçado uma trajetória de inclusão com responsabilidade e compromisso.

Por fim, a pesquisa-ação foi realizada através da participação política das crianças como sujeitos de direitos na elaboração de propostas para Travessias apresentadas em reunião no *Google Meet* com a Direção do Coluni e as coordenações de EI e do EF1, com a possibilidade dos resultados contribuírem para transformações no espaço e nas ações da Equipe de professores do Colégio, no Projeto Político Pedagógico do Coluni, além da divulgação e publicização desta pesquisa já realizada em fóruns acadêmicos.

CONCLUSÕES:

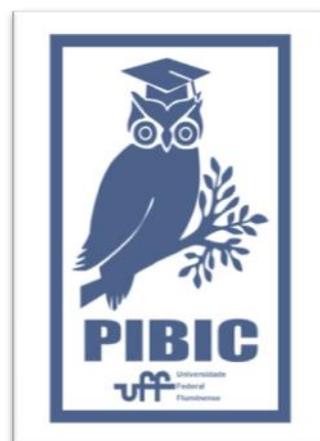
A Direção comprometeu-se em atender às reivindicações dos pesquisadores com as seguintes ações: a colocação de uma grama sintética no terraço da escola, a criação de um posto de coleta com a referência nos 7R, em um projeto integrado na área da Biologia e, a realização de duas Lives com as crianças no final do ano letivo de 2020. A Direção destacou resultados desta pesquisa para o compromisso social e para a possível criação de um slogan no Colégio que tem o diferencial de uma escola de aplicação: “Eu fiz Pesquisa, eu sou um pesquisador!” Conclui-se que as crianças são sujeitos sociais, políticos, históricos e geográficos que trazem consigo marcas e desejos, os quais contribuem com suas memórias e sentimentos na produção cultural e na transformação social.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos ao Proppi da UFF todo apoio à pesquisa, às crianças, às suas famílias e aos entrevistados pelo empenho nas investigações, à

Direção e às coordenações pela disponibilidade em atender às reivindicações dos pesquisadores segundo os resultados desta pesquisa-ação.

Imagem 1: Imagem PIBIC





PROJETO MÚSICA NAS JANELAS: EDUCAÇÃO MUSICAL E DISTANCIAMENTO SOCIAL

Maria Gabriela Capper
gabrielacapper@gmail.com
Leonardo Corrêa Bomfim
leocorreak@gmail.com

Introdução:

Por se tratar de uma instituição de ensino que oferece educação integral em tempo integral, o Colégio Universitário Geraldo Reis UFF desenvolve diferentes ações de Pesquisa e Extensão, além de suas atividades de Ensino. Pode-se dizer que o Projeto de Iniciação Científica na Educação Básica, o Pibiquinho, vem se mostrando uma das ações mais afirmativas de incentivo à pesquisa na Educação Básica. Acreditamos que isso se deve ao fato dos estudantes se sentirem mais envolvidos com a pesquisa quando escolhem em qual área de conhecimento desejam pesquisar.

O Projeto Música nas Janelas: educação musical e distanciamento social, orientado por Maria Gabriela Capper e Leonardo Corrêa Bomfim, ambos professores de Música na Educação Básica do COLUNI-UFF, iniciou com o propósito de desenvolver uma pesquisa sobre a presença da música no cotidiano das pessoas em tempos do distanciamento social provocado pela pandemia de covid-19. O edital para a seleção dos bolsistas foi criado e divulgado na comunidade escolar, como requisitos principais, os estudantes deveriam ter o interesse pela música e pela pesquisa e a disponibilidade para interação virtual pelo computador ou celular, para as atividades em modo remoto. Os bolsistas Arthur Henrique da Silva e João Pedro Barbosa, ambos estudantes da 2ª série do Ensino Médio, foram selecionados para desenvolver a pesquisa. Qual a força da música nesse momento de isolamento? Quais os efeitos que a música provoca nas pessoas em tempos como esses?

Discussão:

Iniciamos as discussões com os bolsistas, apresentando e problematizando o título do Projeto: "Música nas janelas:

educação musical e distanciamento social". Diante de uma temática tão ampla, consideramos importante fazer um recorte para a realização da pesquisa, um recorte temático que deveria envolver a todos, fazendo com que a trajetória de pesquisa fosse a mais significativa possível. Concordando com Jorge Larossa quando diz que "o sentido é explorado a partir do sujeito e sua abertura para ser afetado e transformado pela experiência", iniciamos as nossas discussões, leituras, escutas, investigações, a partir dos interesses manifestados pelos estudantes bolsistas.

Perguntamos aos meninos se ouviram falar do movimento "música nas varandas" que vinha ocorrendo no Brasil e em vários países do mundo. Arthur e João disseram que sim, viram e ouviram muitas notícias sobre o assunto nas mídias. Os estudantes comentaram sobre as *lives* que alguns artistas estão fazendo na internet e como são altos os números de acesso. As *lives* são outros modos de colocar a música nas janelas, em outros tipos de janelas, em janelas virtuais? Sugerimos que os bolsistas fizessem um levantamento de dados sobre quais eram as *lives* mais acessadas e quais os gêneros musicais apresentados. No processo de pesquisa sobre as *lives*, uma experiência de João causou impacto em todo grupo e fez com que surgisse o recorte para a pesquisa que a gente procurava.

Em um dos encontros de orientação, João chegou bastante interessado pela entrevista que assistiu com o rapper Mano Brown em um programa de TV. Conversamos muito sobre as impressões dele sobre a entrevista e vendo como Arthur se interessou também, fomos atrás da entrevista e assistimos também para ampliarmos as discussões em outro encontro. Nesse momento, percebemos enquanto grupo de pesquisa, que o Rap seria o assunto a ser estudado.

Decidimos pesquisar sobre uma genealogia do Rap no mundo até chegar ao Brasil. Os bolsistas pesquisaram em diversas fontes como: artigos, entrevistas,

reportagens, áudios, etc. e redigiram textos autorais sobre o assunto.

Conclusões:

O Projeto de Iniciação Científica, além de inúmeros encontros, discussões, escutas e pesquisas, também foi responsável pela produção e divulgação de dois Podcasts relacionados à temática do Rap. O primeiro Podcast, denominado “História do Rap”, abordou o Rap e os outros pilares do Movimento Hip Hop, desde suas origens na Jamaica até sua consolidação nos guetos dos Estados Unidos, citando obras, ideário e artistas emblemáticos desta manifestação artística.

O segundo Podcast direcionou a narrativa para o cenário nacional, e recebeu o título de “História do Rap no Brasil”. Certamente, enquanto pesquisadores e educadores, temos plena consciência de que seria impossível sintetizar “a história” deste movimento em apenas um ou dois podcasts. Este entendimento é, sobretudo, potencializado pela compreensão da superação de uma história única, linear, lógica e determinista - como enfatizou o sociólogo francês Pierre Bourdieu em sua crítica à Ilusão Biográfica (1998) -, sendo, em um olhar mais aprofundado, composta por uma sobreposição de múltiplas reflexões, dados, relatos e episódios fluidos e multidirecionais em constante transformação e revisão. Desta forma, orientamos as pesquisas dos discentes, por meio de textos, vídeos, entrevistas e documentários, e respeitamos as construções narrativas e perspectivas sintetizadas em a “História do Rap” e a “História do Rap no Brasil”, mas uma história contada, em forma de diálogo, por/entre dois estudantes e pesquisadores do Ensino Médio.

Ainda estava em nosso planejamento a concepção e gravação de outras quatro proposições que dariam continuidade à temática do Rap - entre elas “Rap SP e o Rap RJ”; “Racionais MC’s e Mano Brown”; “O Rap e o Trap” e “As ‘Minas’ do Rap” -, no entanto e, infelizmente, diante das dificuldades impostas pelo distanciamento, pelas condições de conexão com a internet para os encontros síncronos, entre outras restrições tecnológicas, a criação dos podcasts realizados acabou demandando mais tempo do que havíamos planejado e, por esta razão, decidimos que o prosseguimento

destes temas ocorreria em pesquisas ou Iniciações Científicas posteriores.

Referências Bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. v.1. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BLACKING, John. Música, Cultura e Experiência. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), São Paulo, v. 16, n. 16, p. 201-218, mar. 2007. ISSN 2316-9133. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50064>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

BOURDIEU, Pierre. [1986] A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

DENORA, Tia. Music in Everyday Life. New York: Cambridge University Press, 2000.

ENTREVISTA Mano Brown no Roda Viva (2007). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=laQWmNkqkSg>>. Acesso: 15 out. 2020.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Ed. DP & A, 1969.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência Jorge Larrosa Bondía; Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi; Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Lingüística.

SILVA, T. T. Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2012.



**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROPPi PROGRAMA DE PRÉ-INICIAÇÃO CIENTÍFICA PIBIQUINHO
COLÉGIO UNIVERSITÁRIO GERALDO REIS – COLUNI**

RELATO DE PROJETO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA JÚNIOR (PIBIQUINHO)

“A GENTE NÃO QUER SÓ COMIDA, A GENTE QUER SAÍDA PARA QUALQUER PARTE: A EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA E A FUNÇÃO SOCIAL DA ARTE-EDUCAÇÃO PARA ALÉM DAS PANDEMIAS”

1. INTRODUÇÃO

O projeto buscou analisar a função social da arte e da educação frente a um crescente cenário de incentivo à modalidade de Educação À Distância (EAD) no Brasil, sobretudo, durante à pandemia de 2020. Por meio da análise das políticas educacionais brasileiras, sobretudo a partir dos anos 1990 e pelos estudos feitos pelo Laboratório de Investigação Estado, Poder e Educação – LIEPE -, que reúne docentes de nível superior, alunos de graduação e de pós-graduação (internos e externos) da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e que investigam as formas e conteúdos contemporâneos da organização empresarial na educação mundial e, em especial, latino-americana.

Os principais objetivos deste trabalho são: (1) de forma geral: discutir a modalidade da Educação a Distância e a função social da arte e da educação, à luz das políticas educacionais brasileiras diante do cenário da pandemia de 2020; (2) de forma específica: analisar as políticas públicas educacionais brasileiras, a partir dos anos de 1990 no Brasil, sua relação com o neoliberalismo¹ e o incentivo à Educação à Distância no país, e suas consequências para educação pública; relacionar o ensino de artes nas escolas às políticas educacionais brasileiras e a formação do aluno ao final da educação básica; ressaltar a importância do ensino de artes e da defesa da educação pública como um bem público e direito de todas e todos.

¹ Segundo Galvão (1997 apud LOPES, 2020, p. 2), o centro de toda prática neoliberal é o mercado e, por conseguinte, o consumo; nasceu na chamada Escola de Chicago, através dos postulados de dois economicistas Milton Friedmann⁴ e Frederic

Hayek, na crise econômica dos anos 60, com a acusação de ser o Estado o responsável pela crise. No discurso neoliberal, a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança.

A pesquisa foi desenvolvida por duas alunas do 3º ano do ensino médio do Colégio Universitário Geraldo Reis – COLUNI-UFF, Kizia de Oliveira Alves e Vitória Regina Vieira de Souza, sob supervisão da professora Kate Lane, professora de Artes do mesmo colégio, entre os meses de junho à dezembro de 2020.

A pesquisa utilizou como fundamento teórico o pensamento marxista do materialismo histórico dialético, por compreender, como indica Marina Machado Gouveia (2018, p. 2) que “o marxismo tem como finalidade a prática de transformação societária”. Nesta concepção, o conceito de dialética² de Marx é utilizado para entender os fenômenos sociais ao longo da história e esta é vista como o desenvolvimento das forças produtivas responsáveis pela produção e reprodução da vida.

2. OS TUBARÕES DA EDUCAÇÃO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS: QUEM MANDA NA EDUCAÇÃO?

Optamos por iniciar a análise das

políticas públicas educacionais à luz das publicações de estudos feitos pelo LIEPE, uma vez que este, estando alinhado ao fundamento teórico do projeto, pôde nos fornecer os dados necessários para nossas análises. Segundo Lamosa (2020), os estudos feitos pelo LIEPE, até o momento, identificaram duas grandes frentes de ação das classes dominantes na educação brasileira: a frente social-liberal (LAMOSA, 2017) e a frente liberal ultraconservadora (COLOMBO, 2018). Estas duas frentes agem de forma articulada com organizações da classe dominante e elaboram estratégias e ações que, por caminhos diferentes, buscam “definir as políticas educacionais e redefinir o papel das escolas brasileiras de acordo com os interesses das frações de classe que compõem ambas as frentes” (LAMOSA, 2020).

No período da pandemia, as políticas elaboradas por estas organizações da classe dominante vem “definindo a reorganização escolar frente ao fechamento das escolas” (LAMOSA, Rodrigo; 2020). Como exemplo disto temos a Coalizão Global da Educação, que ainda segundo Lamosa, é liderada pelos organismos internacionais em parceria com as grandes corporações

² Utilizamos aqui o conceito de Lukács (1970) sobre a dialética da totalidade em Marx, onde a categoria da totalidade, o domínio do todo sobre

as partes, é determinante para se compreender a realidade concreta.

que dominam a tecnologia de armazenamento de dados. Esta coalizão tem sido o núcleo a partir do qual tem se elaborado diretrizes internacionais com fortes impactos nacionais a partir da organização de comitês também liderados por movimentos empresariais. (LAMOSA, 2020). No Brasil, esta articulação nas políticas públicas, durante a pandemia tem sido feitas pelo movimento Todos Pela Educação, uma organização sem fins lucrativos mas que reúne diversas empresas e que tem atuado como agente do capital na educação brasileira, interferindo diretamente nas políticas públicas educacionais, ao definir normativas e oferecer as diretrizes que são adotadas pelo Ministério da Educação, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e pelas secretarias municipais e estaduais de educação.

3. CONCLUSÕES INICIAIS

Até aqui a pesquisa só conseguiu traçar este elo perigoso entre o empresariado e as políticas públicas, que tem apontado a EAD como um “mal necessário” para que o ensino não pare durante a pandemia, como prega a propaganda da Coalizão Global da Educação. Entretanto, isto já nos aponta alguns caminhos para

análises futuras, e, ao mesmo tempo, descortina às pesquisadoras que aquilo que parece muito natural, como a única saída para o momento cruel de pandemia que estamos vivendo é, na verdade, um arranjo político que já vem se desenrolando há anos.

Assim, apontamos alguns caminhos para serem investigados futuramente: (1) o neoliberalismo está aliado a crescente privatização da educação pública no Brasil e para que isto aconteça o Estado adota como tática o desmonte sistemático do sistema público de educação, em suas diversas esferas; (2) a EAD, como política substitutiva ao ensino presencial, retira a responsabilidade do Estado sobre o acesso e permanência, sobretudo, das classes mais vulneráveis, à educação, se tornando uma opção “mais barata” para o Estado, o que está em consonância com o neoliberalismo; as classes dominantes não tem nenhum interesse na qualidade deste ensino, somente o seu baixo custo para o Estado, a fim de assaltar os fundos públicos, gerados pelos trabalhadores e trabalhadoras, como forma de manter suas taxas de lucro. E isto, certamente, trará desdobramentos ao ensino de artes, segunda fase de nossa pesquisa, que ainda não foi realizada.



Grande área do conhecimento: Língua Portuguesa, Letras e Artes

Título do Projeto: Epidemia em narrativa: a propósito de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago

Autores: Maria Carolina de Oliveira Barbosa Gama

Departamento/Unidade/Laboratório: Coluni - UFF

INTRODUÇÃO:

Carlos Drummond de Andrade criou, em “Mãos dadas”, um eu lírico que se revelou capaz de fazer do tempo presente matéria poética, e o nosso tempo agoniza em meio à crise gerada pela pandemia de Covid-19. Porém, o fato é que muitas foram as epidemias que atingiram a humanidade e geraram o caos. Homens e mulheres sempre tiveram de lidar com ameaças infecciosas e com a fragilidade da própria existência diante do desconhecido.

A História documenta, a Literatura ficcionaliza, por isso não é surpreendente o fato de existirem obras literárias que tenham construído sobre epidemias o alicerce da narrativa. É o caso de *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, romance escolhido como *corpus* desta pesquisa¹.

A escolha da obra de José Saramago foi uma opção baseada na crença de que a saga das personagens tomadas pelo “mar de leite”

que domina toda uma cidade de forma abrupta, totalmente inesperada, tem muito o que nos ensinar em um tempo presente por onde caminham indivíduos que parecem ter desaprendido a andar de mãos dadas.

Neste projeto, buscamos mostrar que *Ensaio sobre a cegueira*, sem dúvidas, é um percurso de aprendizagem por meio da dor, do horror, do abjeto, do caos. É no meio de um cenário desolador, caótico, que, guiados pela mulher do médico, os cegos reaprendem o sentido da solidariedade, do afeto, o exercício mesmo de se colocar no lugar do outro.

Procuramos, também, estabelecer uma relação entre a narrativa de José Saramago e as consequências que a pandemia de Covid-19 tem deixado em nosso país e no mundo. Para isso, selecionamos uma bibliografia capaz de nos fazer pensar sobre a relação profunda que existe entre a Literatura e a História, ao mesmo tempo que nos proporciona compreender melhor o cenário que o coronavírus desenhou mundialmente.

Exatamente por se tratar de um estudo abrangente, com a proposta de articular Literatura e História, os bolsistas escolhidos

1 A edição por nós utilizada foi Companhia das Letras: São Paulo, 2009. Para citações extraídas do romance, utilizaremos a abreviação *EC* seguida do número da página.

foram estudantes do Ensino Médio do Colégio Universitário Geraldo Reis. Sem esses jovens, não teria sido possível perceber que *Ensaio sobre a cegueira* já “ensaiva”, no final do século XX, algumas das consequências que a Covid-19 vem deixando: a consciência da fragilidade humana e o questionamento de valores propagados pela ordem mercadológica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Ensaio sobre a cegueira é “uma espécie de parábola cruel da cegueira que a humanidade ensaia há longo tempo sem se dar conta disso” (CERDEIRA, 2000, p.207). De fato, as personagens do romance percorrem um caminho marcado pela dor, porém capaz de fazê-los enxergar que, em meio à epidemia e à conseqüente degradação de toda uma ordem que parecia consolidada, também era possível encontrar uma forma de sobrevivência pautada na solidariedade e na coletividade.

As personagens do romance trilham um percurso de aprendizagem a partir da epidemia de cegueira, raridade em tempos muito mais alinhados ao esquecer do que ao aprender.² Contudo, elas só puderam viver a experiência da aprendizagem por conta da doença inexplicável, já que foi esse contato com o desconhecido que possibilitou o surgimento de sentimentos que pareciam esquecidos, como a solidariedade, a noção de coletividade e o questionamento das classes sociais e das

2 Citamos Zygmunt Bauman: “a arte de esquecer é um bem não menos, se não mais, importante do que a arte de memorizar, em que esquecer, mais do que aprender, é a condição de contínua adaptação” (1998, p.36)

estruturas de poder que regiam a sociedade. Foi a partir dessa percepção que procuramos estabelecer uma relação entre a ficção e a História da qual somos parte: o súbito aparecimento de uma doença inexplicável, com forte poder de contágio, que nos impôs isolamento social e dizimou milhões de vidas no mundo todo.

CONCLUSÕES:

É na ruína provocada pela epidemia de cegueira branca que José Saramago consegue escrever uma outra história para a humanidade, cedendo a voz aos esquecidos, aos marginalizados, “apagando” as diferenças de classe para fazer brotar a esperança de um tempo diferente, em que os homens presentes deixem de ser “cegos que, vendo, não veem” (EC, p.310) e percebam que “a experiência dos tempos não tem feito outra coisa que dizer-nos que não há cegos, mas cegueiras” (EC, p.308).

O cenário atual revela que a epígrafe do *Ensaio sobre a cegueira* não foi, de fato, aprendida: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Olhar, ver e reparar: três verbos ligados ao olhar, mas também vinculados à ideia de aprendizagem. É preciso observar, olhar com atenção para os detalhes: só assim será possível realizar a reparação de que a sociedade tanto precisa, como bem nos ensinou a ficção.

AGRADECIMENTOS:

O percurso de aprendizagem que, como os cegos da narrativa de José Saramago, nós trilhamos, só foi possível graças à manutenção do projeto Pibiquinho no Colégio Universitário

Geraldo Reis. Por conta disso, agradecemos à UFF, à direção do Coluni-UFF e à Comissão de Pesquisa da instituição.

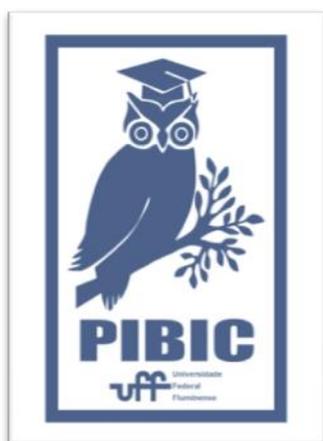
Aos estudantes que abraçaram o projeto “Epidemia em narrativa”, deixo o meu agradecimento especial. Arthur, Manoela e Ana Beatriz mostraram que a escola básica ainda é espaço para leitura do cânone e se revelaram excelentes pesquisadores, lição que levarão para a vida acadêmica futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Trad. GAMA, Mauro e GAMA, Cláudia Martinelli. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. “Na crise do histórico, a aura da História”. In: *O avesso do bordado. Ensaios de literatura*. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.





A INFÂNCIA NA UNIVERSIDADE: O QUE É SER CRIANÇA NO COLUNI UFF ?

Em agosto de 2020, em meio a pandemia mundial da COVID 19 o COLUNI UFF, realizou o Programa de Pré-Iniciação Científica Júnior - Pibiquinho, desenvolvido pela Pró-Reitoria Pós-graduação, Pesquisa e Inovação (PROPI) e pela Direção do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/PROGRAD/UFF), que tem como objetivo a identificação e formação de estudantes, incentivando o pensamento e a pesquisa científica, orientadas por professoras(es) do Coluni UFF.

O projeto realizado pela orientadora Profa. Dra. Isabela Pereira Lopes e a coorientadora Juliana Nascimento de Medeiros Mota, teve como título: *A Infância na Universidade: o que é ser criança no Coluni UFF?*

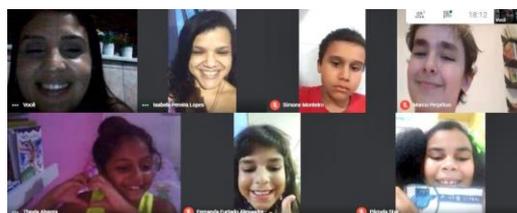
Foram concedidas 5 bolsas que foram destinadas às crianças do Ensino Fundamental I, com idade entre 7 e 11 anos. Na seleção do projeto o número de inscritos nos surpreendeu, já que 21 crianças enviaram seus vídeos, cartas e fotos explicando seus interesses em participar, o que demonstra o interesse das crianças e suas famílias pelo aspecto da pesquisa, crucial num colégio universitário.

O objetivo do projeto foi ouvir das crianças como elas entendem a experiência de ser “da UFF”, por meio do diálogo e registros, realizados através de roda de conversas virtual que se inspira na metodologia “Roda & Registro”, de Cecília Warschauer (1993).

Por conta do isolamento social, todos os encontros do projeto, assim como,

apresentação das produções realizadas nos eventos da Universidade com os pesquisadores, aconteceram de maneira remota, isto é, virtualmente, através da plataforma *Google Meet* e o site *streamyard.com*, onde ocorreu a *live* da Roda de Conversa virtual do projeto de Extensão : Escola e Sociedade na conjuntura da pandemia.

Houve participação e engajamento de todas crianças, que além de realizarem as propostas do projeto, traziam ideias, sugestões que foram incluídas no planejamento semanal realizado pela orientadora e coorientadora. Importante ressaltar que as famílias tiveram papel fundamental durante todo o projeto, mediando as crianças e trazendo contribuições.



Print da tela - encontro virtual
30/11/2020.

A metodologia proporcionou o conhecimento de técnicas acadêmicas, que foram desenvolvidas de uma maneira simples e prazerosa. Nós adultas podemos dizer que fomos envolvidas com as vivências das crianças, por meio dos diálogos semanais que abriu caminho para o resgate de memórias afetivas sobre a

infância de cada sujeito e as lembranças marcantes do Colégio Universitário Geraldo Reis.

“Todas as quartas-feiras, nos encontramos pela internet, por causa do coronavírus. Nos encontros virtuais, tem sempre uma novidade, como atividades interessantes que nos ajudam nas pesquisas. Até receita nós já trocamos!” (Fragmento do texto coletivo realizado pelas crianças).

Compreendendo o contexto do distanciamento, levamos em consideração que o isolamento social poderia estar sendo um momento difícil para adultos e crianças, priorizamos ouvir as crianças sempre no início dos encontros, realizando uma roda de novidades, proporcionando um momento de fala para todas as crianças pesquisadoras e notamos que esse movimento aproximou todos os participantes, além de trazer dados que transbordavam os objetivos iniciais da pesquisa, mas que sempre era acolhido pelo grupo. Uma de nossas crianças expressou a seguinte frase: “agora temos três famílias, nossos pais, o Coluni e o Pibiquinho” (Thayla, 10 anos).

Tudo foi desenvolvido com base no diálogo, sendo assim, um de nossos encontros iniciais trazia a temática da “Infância”, que teve a participação das famílias, contribuindo com fotografias de quando nós adultos éramos crianças, que possibilitou a reflexão para o conhecimento de diferentes infâncias.

As atividades desenvolvidas foram registradas por fotos, vídeos e arquivos em PDF. Desde o início pontuamos a importância da documentação para a

pesquisa e deixamos bem flexível para cada criança escolher a melhor forma de fazer a sua. Desse modo, criança formou o seu acervo individual, que se transformou em documentação coletiva do nosso projeto, que foi organizado pelas orientadoras do projeto em disco virtual do *Google drive*, que permite que os arquivos fiquem em nuvem para utilização futura das orientadoras e crianças pesquisadoras, tendo em vista publicações em eventos e revistas científicas.

As crianças elaboraram, em conjunto com as orientadoras, um planejamento das atividades que realizamos no decorrer da pesquisa. Uma dessas atividades de pesquisa foi a realização de entrevista com colegas do Coluni, que levantou muita expectativa nas crianças, que escolheram seus colegas de maior afinidade, para serem entrevistados e com ajuda dos responsáveis. A entrevista foi documentada de diferentes formas. As perguntas selecionadas foram: Quem é Você? Quantos anos você tem? Qual o nome da sua Escola? Em que ano de escolaridade você está? Você já estudou em outra escola? O que você achou de diferente do COLUNI? O que você mais gosta de fazer no COLUNI? O que você menos gosta na escola? Qual a atividade que você gostaria que tivesse no COLUNI? Você tem vontade de continuar estudando na UFF quando crescer? O objetivo de realizar essa entrevista era de ampliar nosso olhar coletivo, para além das crianças envolvidas no grupo de pesquisa.

No início do grupo falamos da importância de alguns trâmites referentes à pesquisa. A criação do *Curriculum Lattes*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *A Infância na Universidade: o que é ser criança no Coluni UFF?* aconteceu de Junho a Dezembro de 2020, com encontros semanais de duas horas. Como finalização do projeto, as orientadoras realizaram reuniões individuais com cada criança, acompanhada de sua família. Na oportunidade às crianças pesquisadoras tiveram a possibilidade de auto avaliarem suas atuações no projeto e ainda, avaliarem o grupo de pesquisa e atividades realizadas. Pâmela, que é estudante nova do Coluni, tendo ingressado em 2020, faz a seguinte afirmação: “Aprendi muitas coisas. Coisas que vou levar para a vida”. E o que é a pesquisa senão isso? Em articulação profunda com a vida.

As crianças tiveram de lidar ainda, com a frustração de não ver tudo que foi planejado, realizado na prática. Elas desejavam fazer entrevistar crianças que estudassem em outros colégios universitários pelo mundo. As orientadoras chegaram a conseguir resposta afirmativa de uma unidade em contexto universitário português, mas que depois não se concretizou por conta da segunda onda de pandemia no país.

Nosso último encontro foi especial e ampliamos o convite para todos os envolvidos no Pibiquinho no ano de 2020 no Coluni. Nosso encontro final, na última semana de dezembro de 2020, foi uma proposta brincante, onde recebemos a visita virtual de Marchalenta (a Professora Palhaça Bianka Barbosa) que fez diversas brincadeiras pela tela e que gostaria de

também ingressar no Pibiquinho. Desse modo, as crianças do projeto precisavam apontar dicas e informações para a “entrada” de Marchalenta no Pibiquinho. Uma das crianças informou que na pesquisa lidamos com dados e a palhaça foi buscar em sua mala, um pequeno dado numérico, o que causou gargalhada nos presentes.

O Pibiquinho promoveu o acesso à ciência por meio da formação do pesquisador. Considerando o contexto da pandemia, nossos pesquisadores compreenderam o significado e o valor das descobertas científicas, já que, estamos diante de tantas informações sobre o novo vírus. Além disso, podemos dizer que o programa e seus projetos contribuíram significativamente para o desenvolvimento de pesquisa em todas as áreas da ciência.

Referências:

WARSCHAUER, C. **A Roda e o Registro: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.



Grande área do conhecimento

Educação

Título do Projeto

Sala, parque, criança, professor... Isso é uma escola?

Autores

Simone Berle, Alessandra Guimarães Rodrigues, Andressa Rocha de Paiva, Débora Soares de Carvalho

Departamento/Unidade/Laboratório

Colégio Universitário Geraldo Achilles Reis - Coluni/UFF

INTRODUÇÃO:

O projeto “Sala, parque, criança, professor... Isso é uma escola?” teve a escola como temática, instituição carregada de simbologias, história e expectativas sociais. A partir dos diálogos *das e com* as crianças, refletimos sobre a noção de escola que aprendemos a conhecer, narrar e habitar. Como um exercício filosófico de pensar, sugerimos e, junto às crianças, acolhemos a proposta de colocar em suspensão o que sabemos sobre algo para encontrar com outras possibilidades e interlocuções sobre a escola, na formulação e reformulação constante do que sabemos e do que quereamos saber nos colocamos no caminho de pesquisar ¹ .

¹ KOHAN, Walter. Palavras, passos e nomes para um projeto. In: KOHAN, Walter; OLARIETA; Beatriz Fabiana (orgs.). A escola pública aposta no pensamento. Belo Horizonte Autêntica, 2012.

Acreditamos que tão importante quanto ter certezas é aprender a ter dúvidas, ou dito de outro modo, inspiradas em Hannah Arendt (2014), aprender a perguntar sobre o mundo e as coisas do mundo diz respeito ao ato de pensar sobre e como agimos no mundo. Ao tomar o mundo como algo que não está dado e que se constitui nas relações, entre humanos e não humanos, caminhamos sobre a esteira conceitual de um mundo que não está dado, mas que é constituído na partilha e no encontro de mundos. Assim, perguntar sobre o mundo, com o mundo e as coisas do mundo é ação humana de corresponsabilizar-se pelo que habitamos². A tarefa educativa e que destaca a relevância da ação de pesquisar é considerar que **aprendemos** a habitar um mundo. Ele não

² ARENDT, H. A condição humana. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

está dado e não há neutralidade nas relações que com ele são aprendidas. Não buscamos responder a pergunta sobre a escola, mas encontrar vestígios que possibilitem abordar a questão inicial posta. Fazemos isso a partir da perspectiva da pesquisa e-educativa³, que considera o pesquisar uma exposição ao caminho, ao percurso da ação de pesquisar. Um caminho que vai se constituindo no mesmo passo do andar, é preciso pôr-se em deslocamento, para pôr-se em questão e a pensar. O ato de exposição ou sair de si mesmo, exige expor-se para o desconhecido, por isso trata-se de um ato educativo.⁴

Assim, ao longo de 5 meses, estabelecemos uma parceria de pesquisa entre escutas e olhares de quatro adultas orientadoras e três crianças — duas do 2º ano e uma do 3º ano do Ensino Fundamental do Colégio Universitário Geraldo Reis. O ano de 2020 nos obrigou a medidas drásticas de distanciamento social por conta da Covid-19, por isso nossos encontros aconteceram de forma virtual, sendo realizado uma vez por semana e com propostas de pesquisas e estudos dirigidos para além da tela e dos nossos encontros. Cada criança foi acompanhada por um familiar, que além de dar suporte ao acesso e à permanência da criança em nossos encontros, colaborou com as pesquisas junto ao nosso grupo. A partir deste projeto com crianças do Ensino Fundamental, nós buscamos especialmente vivenciar diferentes etapas do processo de investigação a partir de perguntas geradoras sobre o tema — o

que é a escola? — e favorecer reflexões sobre a produção do conhecimento filosófico e científico. Além disso, procuramos dialogar sobre a percepção que temos e construímos da escola; estabelecer relações de construção de conceito; vivenciar a busca de informações em diferentes fontes e materiais; favorecer a construção de procedimentos metodológicos de pesquisa; observar e registrar o processo vivenciado por meio de diferentes instrumentos; documentar os conhecimentos construídos; experienciar o conhecimento como algo provisório e interessado e potencializar as relações de afeto com a escola como desencadeadoras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Em nossa pesquisa, buscamos tensionar os sentidos que nós — adultos e crianças — atribuímos à ideia de escola. Partimos do diálogo sobre o que já sabíamos a respeito da escola. Além disso, a reflexão sobre a temática do projeto também perpassou os diálogos e as entrevistas realizadas com nossos amigos e familiares, a busca de informações em sites da internet sobre escolas inseridas em diferentes contextos culturais, sociais, políticos e econômicos e a pesquisa acerca de diversos conceitos que atravessaram o tema de forma marcante em nossa pesquisa. Comparamos diferentes escolas: a escola que vivemos, a escola que os outros vivem, as escolas que encontramos em nossas pesquisas e as escolas que nossos familiares e amigos nos contaram a partir de conversas e entrevistas. Os contrastes que encontramos, como as diferentes estruturas de escolas pouco a pouco fomentaram as nossas discussões, permitindo-nos ampliar

³ MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. A pedagogia, a democracia, a escola

⁴ MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. A pedagogia, a democracia, a escola

reflexões sobre o conceito de escola e percepções que construímos sobre a mesma. . Escolas indígenas, escolas ribeirinhas, escolas na cidade, esta ampliação do olhar permitiu que juntos pudéssemos dialogar sobre diferentes aspectos, como : estrutura, diferenças, cultura, deslocamento (diferentes meios de transporte), caminhos percorridos, tempo (cronológico e tempo vivido), paisagem urbana e rural, as relações existentes nesse espaço. A cada encontro íamos percebendo e nos embasando de saberes para além dos muros da escola. Para fins de registro, documentação e análise do processo vivenciado, decidimos organizar uma pasta e um caderno individual de registros, bem como um caderno virtual de escrita coletiva sobre os nossos encontros no drive da plataforma Google. Na pasta e nos cadernos individuais organizamos desenhos, colagens, fotografias, narrativas sobre o tema e sobre os encontros, escrevemos dados das entrevistas realizadas e construímos um glossário de palavras marcantes que apareceram em nossa pesquisa. O caderno virtual de escrita coletiva era compartilhado em tela pelas professoras, que registravam as falas das crianças e adultos enquanto conversávamos acerca de questões que marcaram os nossos encontros. A partir de sites da internet, realizamos diversas consultas: navegando na plataforma Google Maps, calculamos e analisamos nossos percursos e percursos de outras pessoas até a escola, percebendo distâncias e cenários diferentes, considerando variações históricas; observamos a fachada e o entorno de diferentes escolas através da plataforma Street View do Google Maps, estabelecendo comparações que

ampliaram os nossos debates e buscamos fotos e informações de escolas variadas — escolas brasileiras situadas em diversos contextos de área urbana e de área rural, bem como diversas escolas de outros países. Exploramos diferentes formas de realização de entrevistas e de organização dos dados de nossas entrevistas. Construímos entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, cujos dados puderam ser dispostos de forma escrita, visual, audiovisual e oral, de acordo com a preferência do pesquisador. Documentamos os conhecimentos construídos em nossos cadernos individuais e coletivos de registros e em um vídeo compartilhado na X Mostra Pibiquinho, dentro da programação da Agenda Acadêmica UFF/SNCT 2020, material que contou com falas das crianças sobre o nosso projeto; imagens de encontros realizados, de desenhos digitalizados e de registros escritos e com fotos de escolas analisadas e fotos de nosso acervo pessoal relacionadas à temática.

CONCLUSÕES:

Ao final de nossa pesquisa, percebemos que foi possível construir um olhar investigativo tecendo caminhos que passam pela narrativa – oral, visual, escrita - e escuta de crianças e adultos. Juntos, percebemos como diferentes fatores atravessam os muros da escola, ao mesmo tempo que constitui este espaço. A cada encontro víamos como a escola é atravessada por diferentes realidades, sendo elas sociais, culturais e econômicas. Mas, algo que foi percebido por nós como uma unicidade é a escola como um espaço de relações, de trocas, e de busca pelo conhecimento. Um lugar

afetuoso, de aprender com o outro, de fazer amigos, de brincar.

A impossibilidade de realizar encontros de pesquisa presenciais foi especialmente desafiadora e sentida por nós pesquisadores. Em alguns momentos de nossos encontros virtuais, nós precisamos lidar com problemas de conexão

à internet e com problemas de caráter tecnológico (com o áudio, o microfone, a câmera, o celular e o computador) que algumas vezes culminaram em dificuldades de comunicação, acesso ou permanência em nossos encontros. Ao mesmo tempo em que o encontro à distância se colocou como um desafio significativo diante da necessidade de estar junto e da qualidade da comunicação, ter o celular ou o computador à mão potencializou a nossa pesquisa e a partilha das entrevistas realizadas em áudio ou vídeo. Tal fato não ameniza os desafios que enfrentamos, mas aparece como uma nuance dessa forma distinta de realizar pesquisa.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos pela presença das crianças e suas famílias que nos levaram, semanalmente, por caminhos inesperados a perceber a escola e o fazer escola. Agradecemos à Universidade Federal Fluminense pela coragem de manter seu compromisso com a educação pública, gratuita e de boa qualidade, que mesmo em tempos tão desafiadores em que a ciência e a educação são tratadas de forma simplificada, foi possível resistir com esse bonito gesto de pesquisar na Educação Básica. Ao Colégio Universitário Geraldo Reis por ser uma escola

que resiste e se reinventa. A Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e a Pró-reitoria de Graduação e ao CNPq por fomentar a pesquisa na Educação Básica da Universidade Pública.



MEMÓRIAS EM CONSTRUÇÃO

**Natália Barbosa da Silva
Wilson Lúcio Silva dos Santos
Taíssa Gonçalves Paz Ferreira**

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço potente para a construção de saberes, identidades e culturas. Compreendemos que a história de um Colégio é constituída pelos sujeitos que estão em seu cotidiano. Nesse sentido, o passado é sempre a memória que precisa ser lembrada no presente que se constrói na escola. O projeto Memórias em Construção, que integrou no ano de 2020 o projeto pibiquinho¹ no Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF), teve como objetivo (re)construir a história do Coluni-UFF, especialmente a história do Ensino Fundamental I, tendo as crianças como pesquisadoras e protagonistas. Em decorrência da pandemia do Covid-19, o projeto teve início no mês agosto de forma remota. Coordenado por três professores do Ensino Fundamental I do Coluni-UFF: Professora Natália Barbosa, Professor Wilson Lúcio e Professora Taíssa Gonçalves, o projeto teve 4 crianças que o integraram enquanto bolsistas: Maria Clara e Pedro Pimentel (ambos do 5º ano); Sabrina e Luiz Felipe (4º Ano).

¹ O projeto pibiquinho faz parte do Programa de Pré-iniciação científica júnior fomentado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense.

Segundo Kessel (2003)², a memória se constitui a partir das vivências e experiências permitindo uma construção de identidade. A memória “garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas sobretudo no campo simbólico.” (KESSEL, 2003, p.3). Nesse sentido, foi assertivo utilizar como metodologia a história oral. Ela nos ajudou a compreender o que foi vivenciado no Coluni-UFF através das experiências e histórias narradas pelos sujeitos entrevistados, pois “como em um filme, a entrevista nos revela pedaços do passado [...] Através desses pedaços temos a sensação de que o passado está presente.” (ALBERTI, 2004, p.15).³

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O projeto desenvolvido teve um caráter coletivo e trouxe o protagonismo das crianças, mas considerando a importância da interação com o adulto em

² KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. São Paulo: Museu da Pessoa, 2003.

³ ALBERTI, Verena. O fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa. In____. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 13-32.

um processo de ensino-aprendizagem. A primeira atividade do projeto, para entender o que é uma entrevista, foi a construção com os bolsistas da concepção de memória e história do Colégio, através das narrativas deles enquanto estudantes da instituição. A segunda, o recolhimento e análise de fotografias de eventos do Coluni-UFF. Primeiro, escolhidas no Quarentuni, e depois do acervo de alguns professores. Essa atividade teve como objetivo trabalhar a sensibilidade das crianças através do olhar, buscando identificar como fotografias constroem memórias e constituem história. O desafio foi analisar o conjunto de fotografias recebidas e criar legendas com o intuito de trazer para a escrita a memória que a fotografia contava. Além disso, analisaram o trabalho uns dos outros fazendo uma junção e construção de vídeos.

Ao construir os vídeos as crianças identificaram a importância de ter uma identidade visual para o projeto. O bolsista Luíz Felipe sugeriu a criação de uma mascote, e os coordenadores a de uma vinheta que trouxesse uma chamada do projeto. Cada bolsista teve o desafio de construir uma mascote, escolher uma fotografia que representasse a memória do Colégio e uma frase. Após esse movimento, escolhemos apenas um de cada para compor as vinhetas que seriam construídas. A frase de efeito escolhida foi a do Pedro Pimentel: Sentimentos constroem memórias, e a mascote foi a Eletarta. A mascote foi ideia do Luíz Felipe que justificou que o elefante tem uma grande memória e a tartaruga vive muito. A Eletarta simboliza uma memória grande e

longa, e essa é a memória do Coluni-UFF. A partir da escolha da mascote e frase os bolsistas construíram suas vinhetas.

A terceira etapa do projeto foi a preparação para as entrevistas, antes de escolhermos quem entrevistar, foi importante saber o que é uma entrevista. Para isso, elaboramos textos explicativos, realizamos conversas com as crianças e uma atividade em que elas entrevistaram um dos coordenadores. Em um segundo momento os coordenadores entrevistaram as crianças, o objetivo era os bolsistas identificarem o que poderia ser aprimorado, de que forma se comportar em uma entrevista e/ou a atenção para quem está sendo entrevistado. A quarta etapa foi a escolha dos entrevistados e elaboração de um roteiro. Para as entrevistas foram escolhidas uma professora que está atuando no Fundamental I, uma ex-professora que também atuou no Fundamental I, uma ex-aluna, e um professor, todos com trajetória no Coluni-UFF. O que destacamos das entrevistas é que os pedaços do passado, narrado pelos entrevistados, demonstram uma história do Coluni-UFF viva e um pertencimento à identidade da escola.

CONCLUSÕES

Compreendemos que a pré-iniciação científica é primordial e afirmamos a necessidade desse projeto ter continuidade. Consideramos a importância de coletar mais informações, narrativas e fotografias, que possam colaborar para a construção da identidade da história do Colégio, e que possibilite no futuro a

elaboração de um anuário expositivo (que estará sempre em construção) para toda comunidade escolar, com a história do Coluni-UFF.



Grande área do conhecimento: Humanidades
Título do Projeto: ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: AS
REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS EM NITERÓI

Autores: Emerson de Carvalho Guimarães (orientador) e Thamara Santos de Castro (co-orientadora)

Departamento/Unidade/Laboratório: COLUNI-UFF

INTRODUÇÃO:

Primitivamente, a cidade de Niterói se constituía de duas povoações, São Domingos e Praia Grande, e de quatro freguesias, São João de Caray, São Sebastião de Itaipu, São Gonçalo e São Lourenço. Nesta última freguesia, a partir de 1570, constituiu-se o primeiro aldeamento indígena jesuítico da província do Rio de Janeiro. Em 1835, a Vila Real da Praia Grande, tendo conquistado prestígio junto à sede da monarquia no Rio de Janeiro, foi elevada à categoria de cidade, passando a chamar-se *Nictheroy* – expressão indígena da língua tupi, que significa “água oculta” ou “água escondida”.

Com o desenvolvimento urbano e o início de uma série de obras públicas, os indígenas começaram a ser representados pela cidade. Houve, por exemplo, a construção do chafariz Martim Afonso de Souza e as esculturas de um busto e de uma estátua, todos em homenagem ao líder indígena Araribóia. Além disso, destacam-se ainda os nomes de ruas, bairros, praias e paisagens naturais, como Pedra do Índio e Pedra de Itapuca. Há também representações indígenas nos brasões, na bandeira da cidade e em pinturas de autores consagrados, que exaltam a presença dos

índios do antigo aldeamento de São Lourenço, em Niterói.

Acompanhando as mudanças pelas quais o ensino de história tem passado nos últimos anos, este projeto de pesquisa justifica-se por considerar os estudantes como participantes ativos na construção do conhecimento histórico. Além disso, estudar e conhecer o lugar onde mora ou estuda significa compreender as relações que ali acontecem, possibilitando o aprendizado e o respeito às diferentes manifestações culturais. A temática abordada proporciona ainda aos alunos o conhecimento da história de sua cidade por meio de imagens, monumentos, literatura e pesquisa.

Enfim, a proposta deste projeto de pesquisa foi recolher dados sobre o reconhecimento da comunidade niteroiense dessas representações indígenas, trazendo ao debate as diferentes formas de interpretar ou fazer a leitura da cidade, proporcionando aos estudantes o contato com as metodologias de pesquisa e as diferentes fontes históricas.

O projeto teve os seguintes objetivos:

- Reconhecer as diferentes representações indígenas presentes na cidade de Niterói;

- Investigar, por meio de formulário *Google Forms*, quais representações indígenas são reconhecidas pela comunidade niteroiense;
- Aprender sobre os povos indígenas que estiveram na formação do território da cidade de Niterói;
- Disponibilizar para a comunidade escolar e niteroiense os produtos provenientes desta pesquisa.

Para atingir esses objetivos, primeiramente, foi necessário que os estudantes entrassem em contato com a bibliografia básica sobre a história da cidade de Niterói, examinando-se diferentes tipos de fontes históricas. Estimulados a exercerem o protagonismo na pesquisa, eles criaram e aplicaram formulários virtuais, questionando o maior número de pessoas acerca de suas percepções históricas ou memorialísticas sobre as origens e representações indígenas da cidade de Niterói.

Depois da etapa quantitativa, os orientandos interpretaram os dados da amostra de forma a compreenderem como os entrevistados reconheceram as representações indígenas presentes na cidade. Ao término da tabulação dos resultados da pesquisa virtual, houve produção de material digital para publicação nos diferentes domínios virtuais da escola, como o site oficial e o site criado para o ensino remoto no ano letivo de 2020 (*Quarentuni*).

Dessa forma, o projeto tornou-se uma iniciativa a debates nas diversas instâncias do colégio, fortalecendo o respeito aos diferentes

aspectos culturais, religiões, crenças, opiniões, que formam a história de Niterói e do Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

É importante ressaltar que as orientandas participaram ativamente de todas as etapas do projeto, inclusive da formulação do questionário.

Após sua construção, o formulário foi disponibilizado virtualmente para pessoas que tinham alguma relação com a cidade. Ao todo, 327 pessoas responderam ao questionário, porém nenhuma pergunta era obrigatória, por isso há variação no número de respostas.

Qual é a sua relação com Niterói?

322 respostas

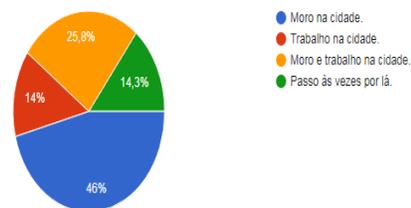


Figura 1: Pergunta 1.

Pelas respostas à primeira pergunta, nota-se que a maioria dos entrevistados são moradores da cidade de Niterói ou tem alguma relação, como trabalho. Isso é um indicativo de que a cidade está presente na vida dessas pessoas de forma constante.

Você reconhece quem está sendo representado nas imagens?

325 respostas

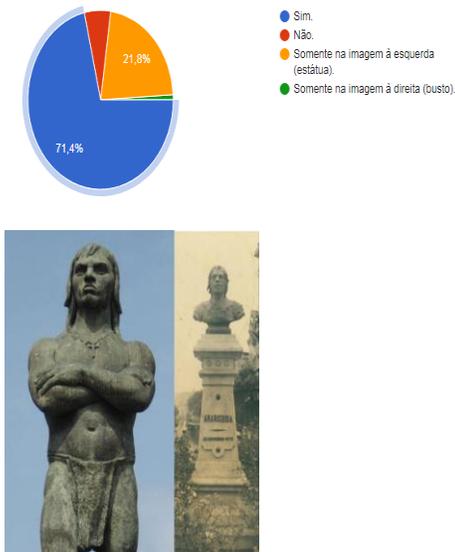


Figura 2: Pergunta 2.

Na pergunta 2, apesar de os entrevistados reconhecerem o índio representado nas duas imagens, quase 22% indicou ter conhecimento somente da estátua de Araribóia localizada na estação das barcas, local de muito movimento da cidade.

Esta é uma imagem do brasão da cidade de Niterói. Nele, podemos perceber as seguintes informações relacionadas à história indígena na cidade:

311 respostas

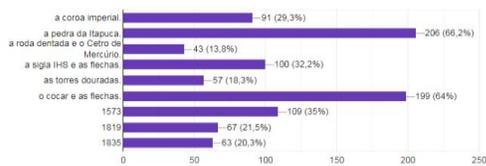


Figura 3: Pergunta 3.

Pela pergunta 3, percebeu-se que a maioria dos entrevistados reconheceu somente os elementos mais comuns da cultura indígena, como o cocar e as flechas. Outras representações que dependem de um conhecimento mais profundo da história da cidade não foram indicadas.

No quadro "Fundação de Niterói", de Antônio Parreiras (1909), representam-se alguns indígenas: uns se encontram erguendo uma cruz ao fundo; outros três, estão em primeiro plano na obra. Há uma mulher sentada, um homem apoiando seu joelho direito no chão e Araribóia, que está em pé com a postura ereta, algo que reforça a hierarquia presente ali. Você já conhecia este quadro?

326 respostas

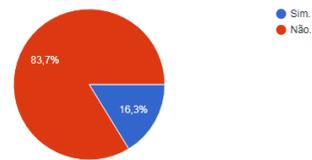


Figura 4: Pergunta 4.

No quadro "Caboclo (índio civilizado)", de Jean Baptiste Debret (1834), há, no primeiro plano, um índio nu deitado de costas, exibindo sua extrema habilidade no manejo do arco e flecha. Ao fundo, percebe-se outro índio na mesma posição e, mais afastado, um terceiro atirador, de pé, também lança sua flecha em paisagem natural e agreste, na qual não se identifica nenhum sinal dos colonizadores. Você sabia que essa pintura representa índios do antigo aldeamento de São Lourenço em Niterói?

327 respostas

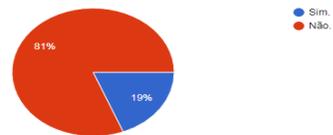


Figura 5: Pergunta 5.

Nas perguntas 4 e 5, verificou-se o reconhecimento de pinturas de dois grandes artistas que retrataram a história indígena niteroiense: Antônio Parreiras e Jean Debret. Em ambos os casos, a maioria dos entrevistados desconhecia a relação desses pintores com a cidade.

Você se lembra de alguma outra representação indígena em Niterói? Comente aqui.
192 respostas

| |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Não |
| O museu do índio em Itaipu |
| Aldeia indígena de Cambóinhas |
| Imagino q o nome de algumas ruas do bairro de sao francisco seja inspirado em algumas etnias daqui |
| Dos índios que moravam em cambóinhas |
| A Igreja dos índios de São Lourenço. |
| Não me recordo de nenhuma obra, mas sim da Aldeia de Cambóinhas e fala a menção dos diversos nomes de bairros em Niterói a partir de dialetos indígenas |
| Desconheço. |
| Historia do Laroo da Batalha e os nomes daa oraias. |

Figura 6: Pergunta 6.

Muitos entrevistados responderam negativamente, entretanto alguns ainda indicaram paisagens naturais, nomes de ruas e de bairros, entre outros.

CONCLUSÕES:

Por meio das respostas ao questionário, orientadores e orientandas chegaram a algumas conclusões:

- A maioria das pessoas reconhece o que está mais presente no seu dia a dia, como a estátua de Araribóia;
- Os entrevistados reconheceram, de maneira geral, o que era mais evidente de representação indígena no brasão, como o cocar e as flechas;
- Poucos entrevistados sabiam da existência das pinturas;

- Metade das pessoas comentaram acerca de outras representações que não foram abordadas no formulário.

Como pôde ser observado, faz-se necessário maior acesso da população niteroiense a representações que fazem parte de sua história. Para isso, é importante que trabalhos que abordem a temática indígena sejam amplamente divulgados e disponibilizados.

AGRADECIMENTOS:

Às orientandas Isabela Dock, Nickoly Rodrigues e Sofia Dupont, alunas do Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF);

Ao programa PIBIC-Ensino Médio;

Ao Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni-UFF).